

Desde que quando comecei minha graduação, sabia que queria fazer algum tipo de iniciação científica. Já no primeiro semestre, fui apresentado ao CLIU e de cara, quis participar. Acho que, antes de começar a falar da pesquisa em si, vale ressaltar uma boa lembrança que tenho sobre o processo seletivo. Como tarefa final, tive que ir até o vão livre do MASP registrar nada mais daquilo que eu via e ouvia, sozinho, sem roteiro. Foi uma grande experiência para mim, mesmo estando a 500 metros da FGV. Investigar a dinâmica de um espaço público - aparentemente simples, como um vão livre - pode revelar complexidades sociais não previstas. Acho que um dos elementos essenciais do CLIU estava incluído nessa experiência: registrar e investigar, sem teorias pré-fabricadas, o que acontece no campo. Esse com certeza é um excelente método de pesquisa e, conseqüentemente, de seleção – muito mais desafiador do que uma simples redação de um tema social, formato tão pedido para esse tipo de processo seletivo.

Participar do CLIU foi uma grande experiência para mim. Estava no primeiro ano do curso de administração pública e, até então, nunca tinha viajado de avião para lugar algum. Mais do que isso, nunca tinha saído do estado. Então, o ineditismo da experiência começou logo nas primeiras horas da viagem. Acompanhado do professor Fernando Burgos, chegamos no aeroporto de Fortaleza, que se preparava para a copa com obras de ampliação dos terminais. Feito por RDC, até hoje não estão prontas e sem previsão de entrega. Destaco esse fato para esclarecer que viajar para o CLIU não serviu somente para descobrir como o Instituto Carnaúba funcionava, mas também serviu para ver muitas outras políticas públicas, dos mais variados setores.

No aeroporto, encontramos Magdalyne Benitez, orientadora boliviana da UFAC e Leonardo Assumpção, aluno de ciências sociais da UFAC. Um outro grande ponto forte do CLIU é o grande intercâmbio cultural que ele promove. Não bastando estar numa cidade em que você nunca esteve, metade da equipe de pesquisa também vem de lugares que você nunca esteve. Um certo choque de visões de mundo torna-se inevitável. O que ficou mais forte para

---

mim foi que o centro-sul brasileiro, durante a maioria da viagem, não foi o foco dos assuntos. Amazônia e América Latina eram mais frequentes que São Paulo e Rio em vários momentos. Essa diferença de visões foi muito produtiva.

O Instituto Carnaúba contém uma grande experiência de desenvolvimento local, com grande potencial de aliar desenvolvimento socioeconômico com a preservação ambiental. O principal trabalho do Instituto é o de promoção do chamado “sistema agroflorestal”, que tenta preservar as árvores nativas mais altas da região, que são ótimas para projetar sombra nas espécies agricultáveis, plantadas para garantir o sustento das famílias. Visitamos comunidades em áreas de serra e de semiárido e encontramos desde prósperas famílias que estão conseguindo comprar eletrodomésticos e eletroeletrônicos modernos até famílias que sofriam com a insegurança alimentar e a insuficiência do benefício do bolsa família. Ficou claro que a desigualdade social da região é forte e que políticas de assistência mais focadas são necessárias.

Durante três semanas, pude aprender e descobrir muitos costumes, culturas e até políticas públicas diferentes das que eu estava acostumado. Foi uma grande experiência que gostaria de repetir um dia.

---